



Revista Symposium

EMMANUEL LÉVINAS: O HOMEM E A OBRA

José Tadeu Batista de Souza*

Resumo: O texto objetiva apresentar o pensador contemporâneo Emmanuel Lévinas. Pontua dados de sua vida pessoal e de sua produção teórica. Apresenta a obra do autor seguindo uma cronologia. Expõe pares de oposições como características gerais de sua obra, que se configuram como chaves de leitura.

Palavras-chave: Lévinas, vida, obra

Abstract: This text will introduce the contemporary thinker Emmanuel Lévinas. It selects data from his personal life and his theoretical production. It presents the work of this author chronologically and it shows opposite pairs as general characteristics of his work. Those are considered keys to a reading of his work.

Key words: Lévinas, life, work.

I - INTRODUÇÃO

É de praxe reconhecer-se que apresentar dados da vida pessoal e fazer observações generalizadas de um determinado autor é, no contexto atual do trabalho acadêmico, um procedimento que suscita quase que ne-

cessariamente o rótulo de leviandade, superficialidade e, portanto, fuga ou inabilidade para o exercício do rigor acadêmico, pois, a rigor, a filosofia prima pela inteligibilidade do sistema, pela própria sistematização e pela reta compreensão dos conceitos como fidelidade radical à natureza e à operacionalidade da própria razão.

Correndo o risco da inserção no âmbito da aludida rotulação, julgamos conveniente apresentar alguns dados da pessoa humana Lévinas e uma breve consideração sobre o conjunto de sua produção teórica. Tal procedimento nos parece necessário, pois se trata de um pensador que conseguiu um espaço significativo no cenário diversificado da filosofia contemporânea. Ademais, é crescente a atenção dada a sua obra por pensadores consagrados dentro da intelectualidade que ressaltam, sobretudo, a originalidade, a autenticidade, a novidade de sua proposta, bem como o grau de dificuldade na compreensão das categorias-núcleo do seu pensamento, até mesmo para os iniciados no campo do saber propriamente filosófico.

Lévinas tem, hoje, nos meios acadêmicos contemporâneos, um lugar de considerável destaque. A conquista desse espaço deve-se, sobretudo, à originalidade de suas análises e à prioridade temática que imprime aos seus textos. Saliente-se, sobremaneira, a perspectiva que assume nas considerações de temas tradicionais da Filosofia e a novidade das sugestões que apresenta.

O seu labor filosófico que aparece como obras sistemáticas e artigos diversificados na sua temática deixa-se marcar por uma profunda sensibilidade aos problemas humanos, que, na maioria das vezes, não encontra lugar nas obras dos denominados grandes filósofos, nem nos grandes sistemas que configuram a história da filosofia. Quando as exceções se efetivam, elas aparecem apenas nas articulações de uma “Antropologia Filosófica”, de uma “Filosofia Política”, uma “Filosofia Moral” e mesmo como um sistema de ética.

* *Mestre em Filosofia e Prof. Assistente do Depto. de Filosofia da Unicap*

Todavia o estatuto que lhes é conferido nem sempre ultrapassa o “*status*” de apêndice ou aspecto complementar de um sistema mais global. Além disso, quando a presença do humano e seus problemas se deixam visibilizar nos sistemas e obras de determinados pensadores, é com o claro intuito de se evidenciar a coerência lógica do pensamento e exaltar elegantemente as possibilidades e o potencial da razão.

A obra de Lévinas, senão a totalidade, mas, pelo menos, parte significativa, pode ser considerada numa perspectiva que vai de encontro a “*démarche*”, até então, apresentada na tradição filosófica do Ocidente, constituindo-se numa verdade fratura. A intuição de base fundamental que assume o papel de núcleo original, como verdadeira condição de possibilidade para a elaboração da reflexão filosófica é que a “*ÉTICA É A FILOSOFIA PRIMEIRA*”.

Portanto, com a ética, ele dilui a prioridade central da ontologia que sempre circula pelas “amarras do ser” e instaura o humano como elemento inspirador e desafio para a reflexão que pretende ter o atributo de lucidez.

II - O HOMEM

Pontuamos, inicialmente, que Lévinas nasceu em Kaunas, na Lituânia em 1906. É filho de um casal judeu. Ainda na infância, migrou para Ucrânia, onde vive, aos onze (11) anos, a Revolução Russa de 1917. Posteriormente emigra da Ucrânia para a França, país onde se radicaliza. Aí, na França, inicia seus estudos superiores em Estrasburgo, em 1923. Em 1927, começa a estudar Fenomenologia com Jean Hering. Em 1928, vai para a Alemanha, Friburg, assistir a um curso ministrado por Edmund Husserl e Heidegger (1929). Em 1929, retorna à França, após terminar sua tese de doutoramento, que versou sobre a “Teoria da Intuição na Fenomenologia de Husserl”. Esse trabalho foi publicado no ano seguinte, 1930.

Ainda neste mesmo ano (1930), juntamente com uma colega de curso, Mlle. Peiffer, fez a tradução para o francês das “Meditações Cartesianas de Husserl”.

Em 1939, nos horrores da segunda guerra mundial, foi tolhido pelo nacional-socialismo e passou cinco anos de prisão nos campos de concentração nazistas na Bretanha (Alemanha).

De regresso à França, torna-se um regular conferencista do Collège Philosophique e começa uma intensa atividade nos meios intelectuais judeus, chegando a tornar-se diretor da Escola Israelita Oriental de Paris por dezoito (18) anos.

Em 1964, torna-se professor de Filosofia na Universidade de Poitiers. Em 1967, torna-se professor da Universidade Nanterre. Em 1973, assume também o magistério docente na Sorbonne. Posteriormente foi professor convidado das universidades de Lovaina e Leiden, das quais recebeu o título de *Doctor Honoris Causa* em Filosofia e Teologia. Foi também professor convidado da Universidade Utrecht e Universidade Hebraica de Jerusalém.

Aos oitenta e nove anos, morre Lévinas, em Paris, a 25 de dezembro de 1995.

O exposto, até então, evidencia que o autor, que ora apresentamos, teve uma experiência de vida um tanto itinerante e, de certa forma, marcada pelo traumatismo. Outrossim, revela um homem de intensa atividade cujo vigor e a seriedade com que encarou a vida acadêmica, sua produção teórica dispensam outros testemunhos.

III - A OBRA

Adotando-se um critério cronológico¹, podemos situar a obra do autor num arco de tempo que vai dos anos 1929 a 1979. Nesse arco, pode-se determinar três períodos.

O PRIMEIRO PERÍODO COMPREENDE OS ANOS DE 1929-1951.

Neste primeiro momento, seus interesses estão centralizados na Fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Sua tese doutoral, publicada em 1930, trata da “TEORIA DA INTUIÇÃO NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL”, como já afirmamos antes. Em 1931, conforme menção anterior, ele faz a tradução do alemão para o francês da obra de Husserl - MEDITAÇÕES CARTESIANAS. Em 1935, publica: DA EVASÃO. Em 1947, publica DA EXISTÊNCIA AO EXISTENTE. Em 1948, publica O TEMPO E O OUTRO. Em 1949, publica DESCOBRINDO A EXISTÊNCIA COM HUSSERL E HEIDEGGER, texto que reúne trabalhos dedicados aos dois filósofos.

O SEGUNDO PERÍODO VAI DE 1952-1964.

Este período é caracterizado pela produção de obras de caráter mais pessoal do autor. A principal obra deste momento é TOTALIDADE E INFINITO, publicada em 1961. Essa obra representa, de algum modo, o ápice dos trabalhos anteriores e constitui-se em ponto de referência fundamental para a compreensão de obras posteriores.

São deste período os textos: A FILOSOFIA E A IDÉIA DO INFINITO (1957); INTENCIONALIDADE E METAFÍSICA (1959); REFLEXÕES SOBRE A TÉCNICA FENOMENOLÓGICA (1959); A PRIORI E SUBJETIVIDADE (1962). Nesses textos, Lévinas estabelece um diálogo crítico com Husserl e a fenomenologia.

Em 1963, publica DIFÍCIL LIBERDADE, ensaio sobre o Judaísmo. Nesse período, ele não só investiga autores da filosofia como Husserl e Heidegger, Spinoza, Kierkegaard, M. Buber, Franz Rozenzweig, mas também grandes expoentes da literatura como Marcel Proust, M. Blanchot. Esses estudos (com esses autores) foram reunidos e publicados numa obra, em 19

O TERCEIRO PERÍODO VAI DE 1966-1979.

As pesquisas desse período culminaram com a publicação de duas importantes obras: HUMANISMO DO OUTRO HOMEM, publicada em 1972 e OUTRO QUE SER OU PARA ALÉM DA ESSÊNCIA, publicado em 1974; em 1975, publica DEUS E A FILOSOFIA. Em 1968, publica QUATRO LEITURAS TALMÚDICAS; em 1977, DO SAGRADO AO SANTO, texto que reúne estudos sobre o nome de Deus, o Estado e a revelação na tradição judaica e, por outro lado, possibilita a compreensão de Lévinas hermeneuta da Bíblia.

Em 1982, publica ÉTICA E INFINITO e ÉTICA COMO FILOSOFIA PRIMEIRA. Em 1984, TRANSCENDÊNCIA E INTELEGIBILIDADE. Em 1986, aparece um texto com o título: DE DEUS QUE VEM A IDÉIA.

Essa vasta produção teórica dá testemunho da seriedade com que encarou a pesquisa e do esforço despendido para contribuir com a reflexão que se pretende rigorosa, quer no âmbito da religião ou teologia, quer no âmbito filosófico propriamente dito.

Da considerável obra do autor, originalmente escrita em francês, já temos ‘razoáveis’ traduções em português, como é o caso de Totalidade e Infinito, traduzida por José Pinto Ribeiro e publicada pelas Edições 70, em 1980; Ética e Infinito, traduzida por João Gama, publicada em 1982, também pelas Edições 70; Transcendência e Inteligibilidade, traduzida por José Freire Colaço, publicada em 1984, Edições 70, Lisboa - Portugal, e Humanismo do Outro Homem, traduzida por um grupo brasileiro de Estudiosos do autor, como Anízio Meinerz, Jussemar da Silva, Luis Pedro Wágner, Magali Mendes Menezes, Marcelo Luiz Pelizzoli, sob a coordenação do Prof. Dr. Pergentino S. Pivatto, publicada pela Editora Vozes, em 1993.

Um estudo muito importante que acessa a obra do autor no seu conjunto, mas, sobretudo, o aspecto filosófico, foi realizado pelo Prof. Dr. Luiz...

Homem Messiânico. Uma introdução ao Pensamento de Emmanuel Lévinas”. Publicado em parceria pela Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora Vozes, em 1984.

O mesmo autor (Luiz Carlos Susin) tem importantíssimos estudos temáticos sobre a obra do autor que estão difundidos em Revistas e Textos Coletâneas. Veja-se, por exemplo: “Lévinas e a Reconstrução da Subjetividade” IN: VERITAS, Porto Alegre, n. 37, nº 147 - setembro de 1992; “O esquecimento do <Outro> na História do Ocidente”, IN: REB, vol. 47, Fasc. 188, dezembro de 1987; “Lévinas: A Ética é a Ótica”, IN: DIALÉTICA E LIBERDADE. Ernildo Stein e Luis A. De Boni, Petrópolis: Vozes, 1993; “Lévinas e a Opção pelos Pobres”, IN: CADERNOS DA FAMINC, Viamão, nº 13, 1995; “Pensar a Morte”, IN: FINITUDE E TRANSCENDÊNCIA. Luis A. De Boni, Petrópolis: Vozes, 1996.

Sobre a idéia do “Infinito”, temos o estudo (dissertação de mestrado) realizado pelo Prof. Ricardo Timm de Sousa, PUC-RS, Porto Alegre, em 1991.

Um estudo também significativo foi realizado (dissertação de mestrado) pelo Prof. Marcelo Luiz Pelizzoli, sobre a Relação ao Outro em Husserl e Lévinas, PUC-RS, Porto Alegre, em 1994.

Sugere Ulpiano Vazquez ² que as obras posteriores a HUMANISMO DO OUTRO HOMEM e OUTRO QUE SER, sobretudo, DEUS E A FILOSOFIA, é um referencial obrigatório para a interpretação de todo fazer filosófico de Lévinas, assim como os trabalhos sobre Husserl e Heidegger servirão de chave para a análise das características da relação estabelecida com os filósofos alemães desde os primeiros anos de sua (atividade) investigação filosófica. Tal relação verifica-se como diálogo ou debate crítico travado por Lévinas com a tradição filosófica ocidental. No último período desse debate, ele cita figuras como Spinoza, Kant, Hegel e Nietzsche.

Ainda segundo Ulpiano, é possível apontar-se, no conjunto da obra de Lévinas, quatro características internas que, de algum modo, servem de chave de leitura e aproximação à problemática por ele enfrentada. Essas características aparecem em pares de oposições que convergem e se complementam como formulações de uma só oposição fundamental.

A PRIMEIRA CARACTERÍSTICA QUE SE PODE CONSTATAR É A OPOSIÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEOLOGIA.

Por várias vezes, mas, sobretudo, a partir de TOTALIDADE E INFINITO, Lévinas afirma que a intenção de suas investigações deve ser considerada filosófica. Com isso ele quer rebater seus críticos que consideram sua obra como um empirismo ou simplesmente Teologia. Contra eles, Lévinas afirma que nem quer, nem pode fazer Teologia. Seu discurso é propriamente filosófico. Por outro lado, na sua obra OUTRO QUE SER OU PARA ALÉM DA ESSÊNCIA, ele afirma que a tarefa da filosofia é “escutar a Deus”.

O seu projeto filosófico de proceder a uma investigação para além da essência termina nos seus últimos escritos, por determinar esse “mais além”, Deus. O problema de Deus, que nos seus primeiros escritos fica um pouco recalcado, por assim dizer, desponta vigorosamente depois de Totalidade e Infinito e, a partir daí, põe-se como inseparável do problema do Sentido, da Linguagem, da Subjetividade, da Ética, enfim, da Filosofia.

No entanto, Lévinas pensa que essa oposição não é real e não pode constituir-se numa alternativa, pois os termos contrapostos caminham numa mesma direção, ou seja, tanto a filosofia ocidental como a teologia podem ser consideradas como destruidoras da transcendência. Por isso, ele busca um escutar a Deus fora do discurso filosófico ocidental e fora da teologia que desemboca numa ontologia.

A SEGUNDA CARACTERÍSTICA EXPRIME-SE NA OPOSIÇÃO ENTRE METAFÍSICA E ONTOLOGIA.

Aqui a característica principal da obra de Lévinas seria a Metafísica sempre oposta à Ontologia. Inicialmente a oposição teve como alvo Heidegger, mas posteriormente significou oposição a todos os modelos ontológicos produzidos na História da Filosofia Ocidental. A razão maior da oposição é porque, segundo ele, a Ontologia constitui-se como subordinação da relação com o ente à relação com o ser, onde o ente fica neutralizado e reduzido como outro para poder ser compreendido como o mesmo. Além disso, a Ontologia significa o predomínio do conhecimento e do saber, da liberdade como autonomia e do saber como poder. Em suma, o protesto do autor é contra a primazia dada à Ontologia enquanto investigação do ser em detrimento da moral. À Ontologia ele contrapõe a Metafísica, tentando evidenciar que a Metafísica se realiza filosoficamente no tratamento do sentido da subjetividade humana. Outrossim, propõe que a linguagem mais apropriada para exprimir a verdade da subjetividade humana é a ética. A partir da subjetividade estruturada como radicalidade ética, é possível introduzir-se Deus na linguagem filosófica, superar a filosofia do mesmo, da imanência, da totalidade e abrir-se à dimensão da exterioridade, do infinito. Enfim, sair do círculo do anonimato e impessoalidade do ser; lançar-se para o outro, para a verdadeira Metafísica.

A TERCEIRA CARACTERÍSTICA PODE SER DETECTADA NA OPOSIÇÃO ENTRE ÉTICA E FENOMENOLOGIA.

Lévinas investiga a subjetividade como criaturalidade e contesta os discursos filosóficos ou teológicos sobre a criação. A Ética significa para ele a renovação do sentido da linguagem religiosa e teológica. Além disso, pensa que na justiça está a originária última justificação do discurso filosófico. Em suma, essa oposição revela o esforço do autor por estabelecer o primado da ética como origem primeira e mais funda-

mental do sentido, em oposição à fenomenologia, que é tematização teórica que institui o sentido a partir da consciência.

A relação ética, relação com o Outro ao impor-se, de modo irrecusável, a responsabilidade do mesmo, “é o modelo exclusivo em que a intenção transcendente que anima a metafísica chega a poder realizar-se, sem que em sua realização, nem a intenção transcendente, nem a transcendência fiquem como tais desmedidos. Quer dizer: a ética é a concreta e única realização da possibilidade de uma intenção que não pertence a estrutura “*Noesis-Noema*”; é desejo que não pode reduzir-se a estrutura formal do pensamento como relação sujeito-objeto na qual toda transcendência é reduzida a imanência”. Aqui, ele fala da possibilidade de uma “significação sem contexto” cuja estrutura formal foi introduzida na filosofia por Descartes, com a idéia do Infinito.

Essa possibilidade formal se realiza na relação ética onde ocorre a inversão da subjetividade em que há o descolamento do nominativo eu para o acusativo me. Relação essa que não pode ser tematizada nem representada. É irreduzível. Assim, na ética realiza-se o mais além do ser, a transcendência, o infinito e, portanto, a metafísica na sua radicalidade, como desinteresse que não pode ser apreendido numa intenção teórica nem fenomenológica. Em vez de uma significação que parte do eu, mesmo o eu transcendental, ele propõe uma significação que vem da exterioridade do outro.

POR ÚLTIMO, A QUARTA CARACTERÍSTICA PODE EXPRESSAR-SE COMO A OPOSIÇÃO ENTRE TRADIÇÃO JUDAICA E TRADIÇÃO CRISTÃ.

Essa característica visibiliza-se com muito ímpeto, no interior de sua obra. No caso, aqui, trata-se de apresentar uma condição de possibilidade do discurso filosófico capaz de fundamentar uma ética, prescindindo do idealismo transcendental que, por sua idéia de fundamen-



to, mostrou-se, segundo Lévinas, incapaz de manter-se como fundamento de uma situação ética. Essa possibilidade é afirmada por ele, recorrendo à Bíblia hebraica e à interpretação talmúdica da Bíblia, que são consideradas por ele como “concretização empírica onde a possibilidade condicionante do discurso se realiza permitindo que o sentido invisível na condição se torne visível na concretização”³. Dessa maneira, admite o autor, que é possível pensar-se na possibilidade de o discurso filosófico fundamentar uma ética, à medida que esse discurso seja capaz de operar com um recurso não recorrente à ontologia, mas para além do ser. Por conseguinte sugere que a instância ancoradora desse discurso seja, o Bem, o Infinito, Deus, enfim, como condição fundante da incondicional situação ética.

Nessa direção, Lévinas contesta a civilização cristã e a filosofia ocidental, por preferir os filósofos e rejeitar os profetas. Ou ainda, simplesmente pretender assimilar e preferir profetas e filósofos simultaneamente, conciliando, assim, Grécia e Jerusalém. Nisso Lévinas vê uma grande hipocrisia. Diz ele: “Desde que a escatologia opôs a paz a guerra, a evidência da guerra se mantém em uma civilização essencialmente hipócrita, quer dizer: ligada ao mesmo tempo ao Verdadeiro e ao Bem, desde então antagonistas. Já é hora de reconhecer na hipocrisia não só um desprezível defeito contingente do homem, mas também o profundo desgarramento de um mundo ligado simultaneamente aos filósofos e aos profetas”⁴.

O posto, porém, não nos permite formular uma oposição irreduzível entre profecia e filosofia. Tal oposição não encontra plausibilidade no interior de sua obra. O que deve ficar em evidência é a denúncia que ele faz à pretensão que julga possível manter simultaneamente uma idêntica adesão à Filosofia e à Profecia.

Ele reconhece e reivindica a importância e função do discurso filosófico, porém contesta a

sua função de “ANCILLA” da Teologia e da Política bem como a função de mediadora absoluta. Entende que a sua função específica, indispensável deve efetivar-se como “sabedoria do amor ao serviço do amor”⁵. Isso quer significar que a Filosofia deve estar a serviço de um DIZER que se põe para além do âmbito do ser. “Dizer inesgotável na APOFANSIS do DITO e, por e para ele, serviço a justiça”⁶.

Nesse sentido, é mister enfatizar-se, aqui, que a idéia de justiça é uma das mais fundamentais questões nas considerações do nosso autor. Ousamos até afirmar que a justiça é para ele uma espécie de idéia matriz ou um firme alicerce, a partir do qual se constrói o edifício da compreensão e o sentido radical de outras tantas categorias também fundamentais, como: Verdade, Metafísica, Significação, Desejo, Transcendência, Infinito etc. Certamente, por isso, um de seus interlocutores, Philippe Nemo, apresenta uma de suas obras e diz: “A questão primeira, pela qual o ser se dilacera e o humano se instaura como <diversamente de ser> e transcendência relativamente ao mundo, aquela sem a qual, ao invés, qualquer outra interrogação do pensamento é apenas vaidade e corrida atrás do vento - é a questão da justiça”⁷.

Além dessas quatro características perceptíveis na obra de Lévinas, também se pode encontrar, na sua produção teórica como um todo, três grandes eixos temáticos que podem servir de critério ou chave de leitura para compreender-se a evolução do seu pensamento.

Num primeiro momento, viabiliza-se uma temática de caráter eminentemente ontológico. Tem-se, nesse momento, a subjetividade relacionada ao mundo e à intersubjetividade no mundo. A categoria articuladora desse eixo seria a categoria do “SER”.

Um segundo momento apresenta-se como Metafísico. (Para além da Ontologia). Aqui, tem-se a alteridade e a relação ao Outro no Face-a-

Face e na Linguagem. A categoria articuladora desse momento seria a categoria de “INFINITO”.

Em terceiro lugar, aparece o eixo propriamente ÉTICO. Nessa fase, ele evoca a “Exterioridade mais interior do que a interioridade - o BEM - inspirada na imolação, na expiação e substituição”⁸. O conceito chave deste momento seria Bem-além-do-Ser.

Cada uma das características apontadas assim como os momentos (eixos temáticos) não se deixam perceber por inteiro, numa obra em particular. Perpassam, de certo, de uma maneira ou outra, o conjunto de sua produção.

Sugerimos que a obra “Totalidade e Infinito, Ensaio sobre a Exterioridade” representa, de algum modo, uma síntese de toda essa problemática. Aliás, trata-se da obra que projetou o autor no cenário mundial.

Provavelmente, de um modo já bastante amadurecido, Lévinas tenha, nessa obra, clareza dos limites ou impasses da tradição filosófica ocidental e condições de propor uma alternativa. Pelo menos são claras suas declarações diagnosticadoras. Vejamos: “A Filosofia ocidental foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do Outro ao Mesmo, pela intervenção de um termo médio e neutro que assegura a inteligência do ser”. (...) “A Filosofia é uma Egologia”⁹. A relação com o ser, que atua como ontologia, consiste em neutralizar o ente para compreender ou captar. Não é, portanto, uma relação com o Outro como tal, mas a redução do Outro ao Mesmo. Tal é a definição de liberdade: manter-se contra o outro, apesar de toda relação com o outro, assegurar a autarquia de um eu” (...) “Eu penso” redundando em “eu posso” (...) “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do Poder. Desemboca no Estado e na não-violência da totalidade, sem se presumir contra a violência de que vive essa não-violência e que se manifesta na tirania do Estado. A verdade, que deveria reconciliar as pessoas, existe aqui anonimamente. A universalidade apre-

enta-se como impessoal e há nisto uma inumanidade”¹⁰. “A filosofia do poder, a ontologia, como Filosofia Primeira que não põe em questão o MESMO, é uma filosofia da injustiça”¹¹.

Em suma, as constatações de Lévinas acima postas podem ser resumidas, dizendo-se que para ele tudo que é outro não pode manter-se enquanto tal, ou seja, na sua verdadeira condição de alteridade.

A relação possível que o pensamento ocidental encontrou para efetivar essa ‘relação’ mesma, foi o recurso à Teoria implementada pelo próprio pensamento, que operou a redução de toda alteridade na mesmidade, ou seja, toda a diferença radical tornou-se identidade.

A proposta levinasiana é muito clara e se inscreve numa direção oposta a toda investida até então implementada. Diz ele: “É preciso inverter os termos”¹². E, por isso, opõe-se ao anonimato, à impessoalidade, às abstrações conceituais, à indeterminação de idéias, à violência do poder, à verdade enquanto abstração lógica ou teórica.

Ora, num contexto que já se considera pós-metafísico, como é o caso de J. Habermas¹³, ele propõe um retorno à METAFÍSICA como possibilidade de uma verdadeira RELAÇÃO em absoluto respeito à Alteridade do Outro, como o radicalmente diferente do mesmo. “...a metafísica tem lugar onde se joga a relação social nas relações com os homens” (...) “A metafísica tem lugar nas relações éticas. Sem a sua significação tirada da ética, os conceitos teológicos permanecem quadros vazios e formais”¹⁴.

Por fim, o seu projeto ainda se torna mais claro conforme aparece em Totalidade e Infinito ao dizer: “O estabelecimento do primado da ética, isto é, da relação de homem a homem - significação, ensino, justiça - primado de uma estrutura irreduzível na qual se apóiam todas as



outras (e, em particular, todos os que, de uma maneira original, estético ou ontológico), é um dos objetivos da presente obra”¹⁵.

É nessa perspectiva que se deve considerar o vigor de força que tem suas intuições de que “a ética é ótica”¹⁶. E que “a moral não é um ramo da filosofia, mas a Filosofia Primeira”¹⁷.

Parece-nos, portanto, que o autor nos instiga a pensar a nossa condição de homens, enquanto entes capazes de manter uma relação intersubjetiva, à medida que formos capazes de pensar a nossa subjetividade estruturada fundamentalmente pela responsabilidade infinita para com a alteridade do outro, de modo que “o infinito da responsabilidade não traduza a sua imensidade atual mas um aumento de responsabilidade, à medida que ela se assume, os deveres alargam-se à medida que se cumprem”¹⁸.

Essa exigência de radical responsabilidade para com o outro deve acontecer como se nunca pudéssemos dizer: “Estou satisfeito com a medida da minha responsabilidade”. Pois, o último parâmetro possível de medida é a sua própria desmedida. Em outras palavras, ela põe-se para nós como exigência de infinito, como uma espécie de desejo que nunca encontra satisfação.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações que fizemos neste modesto texto, sobre Lévinas, o homem e a obra, visaram tão-somente a oferecer informações preliminares com o intuito de possibilitar uma motivação a uma leitura e meditação de seus próprios textos.

Aqueles que, porventura, dispuserem-se a um contato mais próximo e íntimo com a sua obra ou com um texto particularmente, com certeza encontrarão algumas dificuldades para compreender determinados conceitos e algumas de suas intuições originais, sobretudo aqueles que

já estão por demais afeitos ao modo de pensar e ao estilo próprio da racionalidade levada a cabo no Ocidente, cunhada no rigor da lógica e na precisão conceitual.

Talvez seja necessário “inverter os termos”, como ele o diz, e fazer-se um esforço de um pôr-se no lugar de alguém que sofreu, na própria pele, os horrores e danos de uma racionalidade que distinguiu, separou e opôs radicalmente o ato de inteligir e o ato de sentir, e tentar uma nova maneira de compreender a inteligibilidade, prescindindo da radicalidade da distinção e da oposição. Em outras palavras, pensamos ser oportuno sugerir como recurso facilitador para a entrada na perspectiva do pensamento de Lévinas, a fórmula de Xavier Zubiri ao dizer que “Inteligir é um modo de sentir, e sentir é no homem um modo de inteligir”¹⁹.

Se uma tal perspectiva for implementada, muito provavelmente emergirá a desconfiança na Potência da razão, assim como em suas grandes conquistas como a síntese, o conceito, o sistema, a objetividade e, enfim, a maravilha da abrangente totalidade. Essas maravilhas se constituíram em elementos fundamentais, identificadores do nosso modo próprio de ser. E, por isso, motivo do nosso grande “orgulho”.

Certamente, será preciso proceder-se a uma troca de óculos para poder-se enxergar a “vergonha” de querer sempre poder sobre “aquilo” que não se pode poder. O outro é para Lévinas esse “aquilo”, que a rigor não é “aquilo” nem “isto” é ALGUÉM. Alguém que, na sua condição de alteridade, se apresenta solicitando um entrar em relação, em pôr-se frente-a-frente, num verdadeiro face-a-face, sem que haja a possibilidade de assimilação ou introdução de um no outro respectivamente. Mas, de fato, a relação se efetive sem que seja quebrada a distância que os separa e sem que a separação impossibilite a relação. Quer dizer que aconteça a relação em radical respeito pela alteridade do outro.

Dessa feita, um pensamento que está habituado a operar como atividade sincrônica e, por conseguinte, pretende atingir a síntese, será interpelado a proceder ao movimento inverso. Quer dizer, parar a atividade sincrônica como quem pretende apenas viajar no horizonte do Outro, sem nunca sentir saudade do lugar de onde partiu e, por isso, não pretende o retorno.

Olhando-se a partir de um tal lugar, certamente, será mais fácil compreender-se um pensamento que pensa pretendendo promover uma “Descarga do ser que se desprende”, mas para cair necessariamente na Humanidade do Humano. Assim nos ensinará Lévinas: “Desfalecimento do ser que tomba em humanidade, fato este que não foi julgado digno de consideração pelos Filósofos”²⁰.

NOTAS

¹ Este critério é aplicado por Ulpiano Vazquez Moro na obra “EL DISCURSO SOBRE DIOS EN LA OBRA DE E. LÉVINAS”. Publicaciones de la Universidad Pontificia Consillas, Madrid, 1982.

² Ibid., p. 9.

³ Ibid., p. 25..

⁴ Ibid., p. 31.

⁵ Ramos, Antonio Pintor, In: De otro modo que ser, o más allá de la esencia - Ediciones Sígneme, Salamanca, 1987. p. 30.

⁶ Op. cit., p. 33.

⁷ Nemo, Philippe IN: Ética e Infinito. Lisboa, Ed. 70, pp. 10-11.

⁸ Jedraszewski, M. Le relazioni Intersoggetive nella Filosofia di Emmanuel Lévinas. Apud: SUSIN, Luiz Carlos. O homem messiânico. Uma introdução ao pensamento de Lévinas. Petrópolis, Vozes, 1984.

⁹ Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa, Ed. 70. p.31.

¹⁰ Ibid., p. 33.

¹¹ Ibid., p. 34.

¹² Ibid., p. 34.

¹³ Cf. Oliveira, Manfredo de Araújo de. Sobre a Fundamentação. EDIPUC-RS, 1993. Nota 1 - p. 9.

¹⁴ Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa, Ed. 70. p. 65.

¹⁵ Ibid., p. 65

¹⁶ Ibid., p. 65

¹⁷ Ibid., p. 284.

¹⁸ Ibid., p. 222.

¹⁹ Citado por Severino Pintor Ramos. In: De Otro modo que ser, o más allá de la esencia. p. 31.

²⁰ Lévinas, E. Humanismo do Outro Homem, Petrópolis, Vozes, 1993, p. 16.

